VIII Seminário de Pesquisa e Extensão | 2016
Extremo Sul da Bahia
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO E PRÁXIS
08 A 11 NOVEMBRO
REALIZAÇÃO: UNEB - CAMPUS X TEIXEIRA DE FREITAS
UNEB

VIOLÊNCIA E GÊNERO EM RETÁBULOS DE EDILBERTO JIMÉNEZ: olhares sobre a guerra no Peru

Karina Lima Sales[1]

RESUMO

O texto discute violência e gênero em três retábulos produzidos por Edilberto Jiménez, a partir de testemunhos coletados pelo retabulista e antropólogo no distrito de Chungui, relativos a acontecimentos violentos ocorridos durante o conflito interno armado no Peru entre 1980 e 2000, o de maior duração, intensidade e com os mais elevados custos humanos e econômicos de toda a história republicana peruana. Os retábulos delimitados são *Basta, no a la tortura*, *Abuso a las mujeres* e *Asesinato de niños en Huertahuaycco*. Os dois primeiros retábulos foram pautados em desenhos produzidos a partir do testemunho de Antonia Ramírez Orihuela. Em todos eles, a violência contra a mulher, direta ou indiretamente perpetrada, é analisada sob a perspectiva da memória como luta política. A força da memória, como ferida viva, pode ser associada à produção dos retábulos de Jiménez sobre o abuso e o ultraje sofrido por populações em Chungui. A partir de testemunhos coletados junto à população, Jiménez cria, *a posteriori*, retábulos que retratam as duras realidades partilhadas nos testemunhos, quanto aos horrores da guerra. Assim, é preciso considerar, em relação ao enfoque aqui assumido, a importância da arte retabulista de Jiménez como uma constante reflexão sobre os acontecimentos, para que não voltem a ocorrer.
Palavras-chave: Violência contra a mulher; Retábulos de Edilberto Jiménez; Conflito interno armado; Chungui.

O conflito armado interno no Peru, ocorrido no período entre 1980 e 2000, foi o de maior duração, intensidade e com os mais elevados custos humanos e econômicos de toda a história republicana peruana. Segundo a Comissão da Verdade e Reconciliação (CVR, 2003), criada para examinar as causas e consequências do conflito armado interno, a região do país que sofreu maior impacto deste conflito foi a centro-sul, composta pelos departamentos de Ayacucho, Apurímac e Huancavelica, região em que se iniciou o conflito e na qual houve o maior número de vítimas e desaparecidos. O Informe Final da CVR, entregue ao país e ao presidente Alejandro Toledo em 28 de agosto de 2003, trouxe a impactante conclusão de que quase 70.000 pessoas morreram vitimadas pelo conflito. Dessa totalidade, 79% viviam em zonas rurais e 75% das vítimas fatais eram falantes

[1] Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Professora efetiva do Departamento de Educação, Campus X da Universidade do Estado da Bahia. Endereço eletrônico: kalisalima@hotmail.com

de quéchua ou de outras línguas nativas.

Para esse estudo, debruçar-nos-emos sobre aspectos relacionados ao Departamento de Ayacucho, principalmente ao distrito de Chungui, um dos nove distritos da Província de La Mar, pertencente ao Departamento. Segundo análises de Carlos Iván Degregori (2009), calcula-se que, entre 1983 e 1994, foram produzidas aproximadamente 1.384 vítimas no distrito, entre mortos e desaparecidos. A escolha por esse distrito deve-se à passagem de Edilberto Jiménez por essa região, recolhendo testemunhos de camponeses, que geraram desenhos e, posteriormente, retábulos que retratam a violência perpetrada durante o conflito armado interno no Peru.

Edilberto Jiménez, retabulista e antropólogo ayacuchano, fez uma viagem a Chungui em 1996, como membro da equipe profissional do Centro de Desenvolvimento Agropecuário (CEDAP), com o objetivo de escrever trabalhos de caráter etnológico sobre os recursos rurais de populações autóctones. Mas a realidade que ali encontrou e os testemunhos que recolheu romperam esse programa e Jiménez tornou-se recompilador da memória oral dos anos da violência sofrida pela população desse distrito durante o conflito armado interno. Em 2001, o antropólogo passa a integrar a Comissão da Verdade e Reconciliação. Segundo Elisa Cairati,

> Chungui logró envolver a Edilberto Jiménez en la tarea de recoger todo el dolor vivido por los comuneros, com el propósito de encontrar los instrumentos interpretativos adecuados y plasmar um documento que lograra transmitir La historia y, a través de ella, construir uma memória compartida de eventos ocultados, negados, o, peor aún, ignorados (2013, p. 160).

Jiménez, além de sua perspectiva antropológica, lança mão de seu talento como desenhista para criar uma possibilidade de sintetizar a experiência traumática, "cuya traducción em palabras se mostraba impracticable: La historia ya no como documento escrito, sino como ilustracíon colaborativa" (CAIRATI, 2013, p. 160). A complexa tragédia vivida pelos camponeses dos diferentes povoados do distrito de Chungui não conseguia ser capturada por palavras, apenas, dado o fato de a maior parte da população ser falante de quéchua, analfabeta, com pouca confiança no escrito e em estranhos, de modo geral. Assim, a estratégia de Jiménez de desenhar, a partir dos testemunhos ouvidos, mostrou-se o recurso mais adequado:

> […] los testimonios eran insoportables, el dolor lo vivía porque me encontraba en sitios donde ocurrieron los hechos, me explicaban como si estuviera sucediendo y ahí inicié a dibujar y los propios comuneros, a veces entre lágrimas, me ayudaban a mejorar lo que iba dibujando. Eso para mí era más interesante que el rollo de película o grabarles, porque el dibujo fotografiaba el instante que había ocurrido. (JIMÉNEZ QUISPE, 2012, p. 73).

Trinta e dois desses desenhos foram incluídos no Tomo V do *Informe Final* da CVR, sob o

título de *Historias ilustrativas de la violência*, "[...] nuevo espacio de testimonio, configurado como imagen gráfica acompañada por fragmentos de cuentos y recuerdos de las vítimas, en el que los informantes fueron involucrados de manera participativa" (CAIRATI, 2013, p. 160), constituindo-se em inestimável arquivo da história da violência em Chungui.

Para Victor Vich, os retábulos de Edilberto Jiménez funcionam no Peru de hoje como importantíssimos dispositivos de memória e se "presentan como un discurso testimonial y entienden su acto artístico como una *enunciación de lo imposible*, vale decir, como algo que no estaba previsto en el guión del poder". (2012, p. 105). Para Vich, estes retábulos devem ser entendidos como uma ação política, "como objetos que visibilizan la ética de la estética y que transforman el dolor en una demanda de justicia universal". (2012, p. 105).

Esses aspectos acima referidos relacionam-se à percepção da memória como um espaço de luta política. Em se tratando do conflito interno no Peru, que dizimou milhares de vítimas e deixou marcas que não se apagam, mesmo após alguns anos, retratar os acontecimentos, dar voz às vítimas, é lutar contra o silenciamento. Elizabete Jelin defende que o espaço da memória

> es entonces un espacio de lucha política, y no pocas veces esta lucha es concebida en términos de la lucha "contra el silencio": *recordar para no repetir*. Las consignas pueden en este punto ser algo tramposas. La"memoria contra el olvido" o "contra el silencio" esconde lo que en realidad esuna oposición entre distintas memorias rivales (cada una de ellas con sus propios olvidos). Es, en verdad, "memoria contra memoria". (JELIN, 2002, p. 06).

E é a força da memória, como ferida viva, que pode ser associada à produção dos retábulos de Jiménez, sobre o abuso e o ultraje sofrido por populações em Chungui. A partir dos testemunhos coletados, Jiménez cria, *a posteriori*, retábulos que retratam as duras realidades partilhadas nos testemunhos, quanto aos horrores da guerra: "La intención es que tengan un mensaje y que se conozcan esas realidades. Que los retablos sirvan para sensibilizar y con ello aprender a valorar la vida humana y encaminarnos hacia el desarrollo". Como afirma Ulfe (2011), esses retábulos reconstroem e evocam uma consciência histórica: "por consciencia histórica en los retablos entiendo a la capacidad de estos para ser archivos de la memoria popular en la que el pasado reciente del Perú fluye y es construido a través de diversas escenas […]" (2011, p. 183), é uma produção da história.

São sete os retábulos com que Edilberto Jiménez nos aproxima de Chungui e nos dizem, sem eufemismos, o que foi a guerra. Nestas sete cenas de realismo cruel, Jiménez realoca, por meio do suporte da arte do retábulo, os testemunhos recolhidos em Chungui. Os sete retábulos são:

Cuántas almas habrá en Chuschihuaycco; Lirio qaqa, profundo abismo; Abuso a las mujeres; Muerte en Yerbabuena; Asesinato de niños en Huertahuaycco; Picaflorcito e *Basta, no a la tortura*. Destes, serão tecidas considerações sobre *Basta, no a la tortura* (2006), *Abuso a las mujeres* (2007) e *Asesinato de niños en Huertahuaycco* (2007).

O primeiro retábulo, *Basta, no a la tortura*, foi produzido a partir de desenhos realizados, de modo colaborativo, entre Edilberto Jiménez Quispe e Antonia Ramírez Orihuela. Antonia testemunhou o cruel e lento assassinato de seu filho, Emerson Ramírez, pelos militares e rememorou essa dor ao narrar / desenhar / rever detalhes do acontecimento, junto a Jiménez. Diferentemente de outros retábulos, esse não tem o exterior decorado, a caixa é sóbria, de madeira crua, remetendo à ideia de um caixão. No alto da caixa, em letras vermelhas, a inscrição "Basta, no a la tortura!", acompanhada de uma mão espalmada, também vermelha, significando "pare" e remetendo a todo o sangue vertido nas torturas. Ao se abrirem as portas da caixa, as fortes imagens chocam. Nas portas, registram-se fragmentos do testemunho de Orihuela, contando como seu filho teve suas partes do corpo desmembradas, sendo obrigado a comer o próprio pênis. Somente depois de uma tortura cruel, mataram-no, degolando-o. As cenas, em quadros, retratam o episódio. No alto, à esquerda, vemos os outros presos, dentre eles, Antônia, que observam a tudo, sem nada poder fazer. Os outros quadros vão, de certa forma, dissecando a tortura a Emerson, até o último quadro, em que o rapaz jaz morto. O céu, vermelho, parece remeter também a todo o sangue vertido, não só o desse rapaz, mas o de tantas outras vítimas.

Figuras 1 e 2: *Basta, no a la tortura*

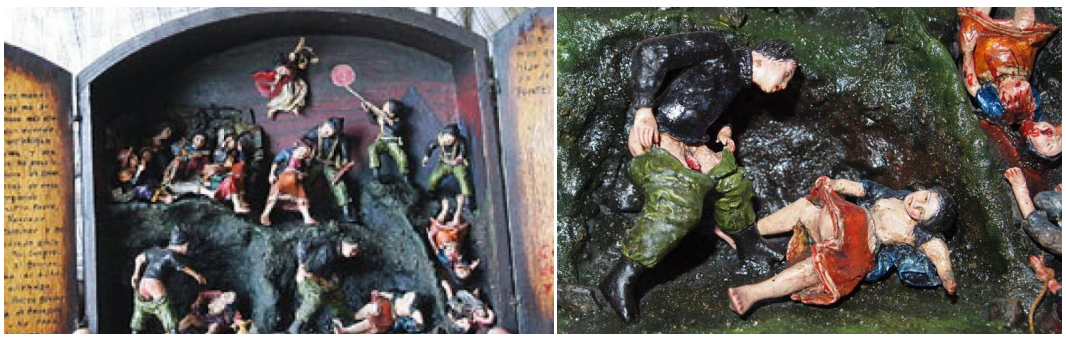
Neste retábulo, a violência não foi perpetrada diretamente ao corpo da mulher, mas ao de um ser amado, embora a mulher seja vítima, do mesmo modo, ao perder um ente querido, carregando em seu corpo, por toda a vida, essa memória traumática, como afirma Theidon:

> Hay una especialización de la memoria en estas comunidades y son las mujeres quienes llevan -quienes incorporan- el dolor y el luto de sus comunidades. En la división del trabajo

> emocional, son las mujeres quienes se especializan en el sufrimiento cotidiano de los años difíciles. […] Cuerpos que queman, nervios que se abren cuando piensan en sus seres queridos muertos - o la matriz que le duele cuando una recuerda su hijo querido. (THEIDON, 2004, p. 75).

O segundo retábulo escolhido, *Abuso a las mujeres*, também se baseou no testemunho de Antonia Ramírez Orihuela. A caixa retrata cenas de estupros de mulheres por militares. Embora o retábulo retrate um acontecimento rememorado por uma testemunha de Chungui, sabe-se que as violações a mulheres eram práticas constantes, durante o conflito no Peru. Segundo o Informe Final da CVR, os abusos sexuais durante o período de violência política foram praticados, em 83% dos casos, por militares e cerca de 11% pelos grupos subversivos MRTA e PCP – Sendero Luminoso. Os números não retratam o silenciamento de tantas mulheres, que sequer partilhavam com a comunidade a violência sofrida, com medo do estigma.

A cena é apresentada sob um céu também avermelhado, em decorrência da violência sofrida por tantas mulheres, diretamente em seus corpos. No céu, uma mulher com uma balança, símbolo da justiça, é alvejada por um militar, interditando a possibilidade de justiça. Um grupo de mulheres amedrontadas encontra-se no canto esquerdo, no alto. Ao lado direito delas, uma mulher grávida é escoltada por um militar, será violada e depois morta. Não há reação de defesa dessas mulheres, à mercê da força e do poder desses homens. O único outro homem, não militar, jaz morto, provavelmente, marido ou irmão de alguma das mulheres a serem violadas.



Figuras 3 e 4: Abuso a las mujeres

Embora as cenas estejam retratadas simultaneamente, pois não há divisão em quadros, é possível perceber a sequência de temporalidade pela roupa da grávida (no alto, antes do estupro, abaixo, sendo estuprada e, por fim, morta e jogada em um barranco) e há testemunho grafado na parte interna das portas. O exterior, assim como o do primeiro retábulo, é sem adornos nem cores, a violência não pode ser "floreada". O testemunho termina com uma mancha de gotas vermelhas como sangue e o registro: "Cuando la sangre es de una mujer maltratada y asesinada, la herida es de

todos".

Diversas são as formas de violência sofridas pelas mulheres, ainda mais nesse contexto do conflito peruano, mas a sexual foi das mais graves, por todos os estigmas daí advindos. As mulheres violadas, quando não eram mortas, poderiam sair desse ato violento com um filho fruto desse momento. Ou serem rechaçadas pelos maridos, pela família, comunidade. O corpo era obrigado a carregar essa memória traumática, muitas vezes não socializada. Associado a essa violência, junte-se outra, o fato de que a maior parte das mulheres violadas era de comunidades rurais, falantes de quéchua:

> Sin embargo, el cuerpo carga estas memorias, lo que hace del mismo tanto un sitio como un proceso histórico. La memoria traumática es una manera de inscribir la historia en las narrativas biológicas y biográficas de los individuos y de las comunidades. Y existe otra violencia que también se inscribe en las narrativas biológicas y biográficas en el ámbito individual y colectivo: la discriminación étnica. (THEIDON, 2009, p. 76)

No capítulo 8 de seu livro *Entreprojimos*, Theidon tematiza a violência contra as mulheres e ressalta o protagonismo delas frente à violência sexual:

> Más bien, nos motiva un deseo de problematizar las historias de guerra que siguen reproduciendo el heroísmo de los hombres y la "victimización" de las mujeres. Aun dentro de la CVR resonó este dualismo. Por ejemplo, durante la audiencia pública con los ronderos - quienes manejan el discurso de ser héroes de la Patria y actores clave en la "derrota de la subversión"-, no testimonió ninguna mujer a pesar de que hay mujeres que no solamente participaron en las rondas campesinas sino que llegaron a ser "comandas". En las audiencias públicas donde sí participaron las mujeres, fueron incluidas como víctimas: las lloronas en contraste con los héroes de la Patria. (THEIDON, 2009, p. 111).

Na coleta de testemunhos realizada por Theidon, em diversos povoados, muitos depoimentos ressaltavam o protagonismo de mulheres que saíram em defesa de suas comunidades, de suas famílias e delas mesmas. Iam às prisões buscar maridos, filhos, irmãos, mesmo sabendo que poderiam ser violadas, e o eram, em troca da liberdade de familiares. Ou precisavam lançar-se à luta, literalmente. Para Theidon, as histórias da guerra influenciam nas políticas públicas em um contexto de pós conflito: "las historias son una forma de la acción política. Por consiguiente, queremos explorar las múltiples formas del heroísmo, pues no todas son masculinas". (2009, p. 111).

O terceiro retábulo delimitado é *Asesinato de niños en Huertahuaycco*. Em comum com os outros retábulos analisados, novamente temos um céu escurecido, embora seja dia, e avermelhado, representando o sangue vertido no assassinato das crianças. Esse retábulo também não apresenta decoração exterior. Sua temática remete a um dos episódios de violência perpetrada durante o

conflito. Durante uma fuga para as montanhas, camponeses, acompanhados por membros do Sendero Luminoso, o choro das crianças era considerado denunciador da posição do grupo, o que auxiliaria os militares a encontrá-los. Assim, os senderistas decidem matar as crianças, obrigando as mães a fazê-lo, ou seriam mortas. Por fim, eles mesmos assassinam meninos e meninas, sob o olhar aterrorizado e sofrido das mães.

Figura 5: Desenho de Edilberto Jiménez que deu origem ao retábulo *Asesinato de niños en Huertahuaycco*
Figura 6: Detalhe do retábulo *Asesinato de niños en Huertahuaycco*

Na descrição do retábulo, constante no site do Instituto de Estudos Peruanos, registra-se que não houve reparos em relação à crueldade "y abusos que hicieron de muchos niños víctimas inocentes. La CVR reportó alrededor de 2952 crímenes y violaciones –por parte del PCP-Sendero Luminoso, agentes del Estado y el MRTA- que atropellaron con descaro y sangre fría los derechos de niños y niñas". (2012, p. 67).

Antes da produção do retábulo, Edilberto Jiménez realizou desenhos, em Chungui, a partir de testemunhos colhidos, como o de R.R.I., que descreve o assassinato de crianças em agosto de 1985, na comunidade de Chapi, Chungui:

> Todo era como para sentir miedo, sólo de noche se preparaba la comida, no probábamos sal, vivíamos como qualquier animalito del monte.
>
> Quando venían los militares, los niños tenían que estar calladitos, sin hacer bulla. Pero a veces el hambre, la sed, hacía que los niños lloren. Por eso los jefes de los senderistas ordenaron matar a todos los niños en Huertahuaycco, a las mujeres les ordenaron a matar sus hijos, pero después ellos mismos los mataron ahorcándolos con soguillas y también con sus manos les aplastaron sus cuellitos. Las mamás no podían deternelos porque también les amenazaban con matarlas. Sólo lloraban de miedo, otras se tapaban los ojos, mientras a sus bebés los mataban[2].

[2] Disponível em: http://llaqtamaqtachunguilamar.blogspot.com.br/2009/07/los-siete-retablos-de-chungui-la-mar.html.

As imagens retratadas nos retábulos de Edilberto Jiménez chocam porque pautadas em um realismo cruel, mas principalmente, porque se baseiam em acontecimentos que assolaram comunidades peruanas durante o conflito interno armado. Victor Vich, em seu texto "La enunciación de lo imposible: los retablos de Edilberto Jiménez", questiona se essas imagens são toleráveis e reflete que elas desafiam o regime de visibilidade imposto, em diálogo com Jacques Rancière: "A questão do intolerável deve então ser deslocada. O problema não é saber se cabe ou não mostrar os horrores sofridos pelas vítimas desta ou daquela violência. Está na construção da vítima como elemento de certa distribuição do visível" (2012, p. 98). Uma imagem nunca está sozinha, como afirma Rancière, faz parte de um dispositivo de visibilidade "que regula o estatuto dos corpos representados e o tipo de atenção que merecem" (2012, p. 98).

Em relação aos retábulos de Jiménez, as imagens, constituídas a partir de uma conexão entre o verbal e o visual, perturbam o regime que tenta controlar o que deve ou não ser mostrado na comunidade peruana. Segundo Vich, há uma ética no processo de produção dos retábulos de Jiménez, porque "quieren testimoniar y sabemos que ello equivale a no tener miedo de mostrar la verdad de lo sucedido aunque ella siga siendo intolerable para ciertos grupos en el país" (2012, p. 103) e a política desses retábulos consiste "en modificar el estatuto de lo visible y en asumir con coraje la responsabilidad que ello implica" (2012, p. 103). Assim, é preciso considerar, em relação ao enfoque aqui assumido, a importância da arte retabulista de Jiménez como uma constante reflexão sobre os acontecimentos, para que não voltem a ocorrer.

REFERÊNCIAS

CAIRATI, Elisa. Las "Historias ilustrativas de la violencia" de Edilberto Jiménez: narrativa, testimonio y memoria. CONFLUENZE Vol. 5, No. 1, 2013. Disponível em: http://confluenze.unibo.it/article/viewFile/3762/3093. Acesso em 05 dezembro 2015.

COMISIÓN DE ENTREGA DE LA COMISIÓN DE LA VERDAD Y RECONCILIACIÓN. *Hatun Willakuy – Versión Abreviada del Informe Final de la Comisión de la Verdad y Reconciliación Perú*, Lima, CVR, 2008.

DEGREGORI, Carlos Iván. Edilberto Jimenéz. Una temporada en el infierno. In: JIMÉNEZ QUISPE, Edilberto. *Chungui:* violencia y trazos de memoria. Lima, IEP, COMISEDH, DED, 2009.

GOLTE, Jürgen; PAJUELO, Ramón (Editores). *Universos de memoria:* aproximación a los retablos

de Edilberto Jiménez sobre la violencia política. Lima: IEP, 2012.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memória*. Madrid, Siglo XXI de España, 2002.

JIMÉNEZ QUISPE, Edilberto. Retablos, Chungui y mi amistad con Carlos Iván Degregori. In: GOLTE, Jürgen; PAJUELO, Ramón (Editores). *Universos de memoria:* aproximación a los retablos de Edilberto Jiménez sobre la violencia política. Lima: IEP, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado.* Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

THEIDON, Kimberly. *Entre próximos.* El conflicto armado interno y la política de la reconciliación en el Perú. Lima, IEP, 2009.

ULFE, Ana María. *Cajones de la memoria.* La historia reciente del Perú a través de los retablos andinos. Lima: Fondo Editorial PUCP, 2011.

VICH, Victor. La enunciación de lo imposible: los retablos de Edilberto Jiménez. In: GOLTE, Jürgen; PAJUELO, Ramón (Editores). *Universos de memoria:* aproximación a los retablos de Edilberto Jiménez sobre la violencia política. Lima: IEP, 2012.

_____. Una mirada fija en aquello que no se puede narrar: los retablos de Edilberto Jiménez. In: _____. *Las poeticas del duelo.* Lima: IEP, 2014.